

## ESTUDANTES DA USP: CULTURA E POLÍTICA NOS ANOS 1970

Mirza Pellicciotta

Muito se tem escrito sobre as razões, impacto e desdobramentos que a militarização do Estado trouxe à sociedade brasileira a partir de 1964. A transformação das dinâmicas políticas à luz de novos projetos e intervenção estatal; os processos de ruptura, descontinuidade e mudança dos fenômenos culturais e políticos; os novos mecanismos de acumulação e impacto social estão entre as questões longamente estudadas e debatidas por diversos segmentos sociais, ou ainda, por diferentes campos de conhecimento. No espaço da universidade, propriamente, todo um novo corpo de questionamentos e pressões por mudanças – a começar pelas estruturas herdadas de organização política – se traduziu no ensaio de objetos e formas de ação política ainda hoje paradigmáticas e a partir do qual ganhou forma uma “aventura política” que, em nosso entender, oferece contribuições muito significativas ao repensar político contemporâneo.

Em meio às dificuldades de percepção e análise dos processos, impostas não apenas pelas práticas repressivas tão atentas à “presença comunista” na USP (práticas que cumpriram, no mínimo, o papel de embaralhar referências e trajetórias num cenário muito difícil de ser recuperado e decifrado), mas também pelas próprias misturas e recomposições culturais e políticas (de caráter civil) que em curtíssimo tempo reelaboraram experiências e leituras num processo intenso e qualitativo de recriação política.... nós procuramos estudar as movimentações estudantis como um território de experimentações e expressões culturais e políticas, elegendo a Universidade de São Paulo como espaço privilegiado de investigações.

A Universidade de São Paulo, de maneira especial, foi palco de importantes transformações, processos, trajetórias de movimentos e lutas culturais e políticas desencadeadas pela/com a militarização do Estado em 1964. Tema da dissertação de mestrado Uma Aventura Política: as Movimentações Estudantis dos anos 70 (IFCH/Unicamp,1997), nossos estudos tomaram como centro os processos de recomposição política e cultural das movimentações estudantis, à luz de um cenário

mais amplo de recomposições sociais e coletivas. Com base num amplo levantamento documental (oriundo de diversas universidades brasileiras, com predomínio das públicas) fez-se possível identificar movimentos internos originais que, além de sediaram a recomposição e ação de organizações, também emprestaram solidariedade a movimentos mais amplos. De forma concomitante, o transbordamento destas movimentações para o espaço público, munidas de um leque mais amplo de questões se somaria a outros acontecimentos como a intensificação das lutas por anistia (em 1978, diversos movimentos promovem o 1º Encontro Nacional de Movimentos pela Anistia em Salvador, que aprova a Carta de Salvador, pedindo “anistia ampla, geral e irrestrita”), de lutas contra a censura (com importante presença da Associação Brasileira de Imprensa, a partir de 1977), o surgimento e fortalecimento de movimentos contra a discriminação racial (o primeiro encontro do MNU ocorre em julho de 1978), as greves do ABC a partir de maio de 1978...<sup>1</sup> razão maior de bandeiras e palavras de ordem como “pela melhoria das condições de ensino”; “por uma assembléia constituinte soberana e democrática”, entre outras<sup>2</sup>.

Com ênfase sobre as experiências culturais e políticas da USP, nós nos deparamos também com questões pungentes como “liberdade”, “democracia”, “revolução”.. a mobilizar e congregar novos e diferentes protagonistas em torno de objetos culturais e políticos inusitados. Da mesma forma, conceitos como cultura política, identidade, práticas informais, crise institucional emergiram como problemáticas centrais, forçando-nos a alargar nosso olhar e a dar forma a um estudo de múltiplas vertentes que acabou vou identificar mais de 500 referências de experiências e movimentações coletivas (gestadas nas universidades brasileiras, em termos mais amplos). De fato, o estudo destes processos possibilitou-nos propor uma periodização

---

<sup>1</sup> Segundo Sader, foram de pequenas vitórias e pequenas lutas que emergiram novos significados de **política**, ganhando forma um conjunto de “novas configurações sociais assumidas pelos trabalhadores” que, apesar de não se constituir um “fenômeno extensivo ao conjunto dessa classe, mas, antes, a uma parcela”, se revelou capaz de estabelecer “novos padrões de ação coletiva” e inaugurar “novos sujeitos políticos”, abrindo-se “um novo período na história das classes trabalhadoras em nosso país”<sup>1</sup>.

<sup>2</sup> Nas palavras de Sader, em meio a “ritos dos tempos de resistência” (p28/29) ganharam forma “pequenos movimentos que, num dado momento, convergem fazendo emergir um sujeito coletivo com visibilidade pública” (p.29). Por outro lado, “Essa nova valorização da sociedade civil expressava uma alteração de posições e significados na sociedade, que se mostravam tanto nas categorias de pensamento quanto nas orientações das ações sociais” (p34), emergindo ‘novos padrões de práticas coletivas’ em meio a uma esquerda fragmentada - questionamentos que levariam a ser considerado como “autonomista”, e mais um dos muitos críticos da questão “vanguardista”

dos acontecimentos entre os anos 1969 (pós-AI-5) e 1979 (ano emblemático de reconstrução da UNE) e identificar, entre outros fenômenos, a emergência no curto espaço de seis anos (a considerar momentos “extremos” entre os anos 1971 e 1977) de contribuições importantíssimas estudantis às trajetórias de reorganização da sociedade civil, presentes na recomposição de novas possibilidades participativas/coletivas (políticas e culturais) no espaço da universidade, seguidas pela proposição/retomada de caminhos organizativos que, a depender das referências adotadas (de política, cultura, socialismo, revolução... ou ainda, das trajetórias de continuidade/descontinuidade frente as experiências herdadas) assumiram características próprias. De forma concomitante, leituras e experiências mais sensíveis à chamada “revolução dos costumes” também se mostraram presentes entre as experiências informais e as militâncias organizadas nas/das movimentações fazendo nascer discursos e práticas que, de imediato, auxiliaram os estudantes a reafirmar o *lugar* político da universidade – instituição que em curto espaço de tempo se veria repovoada de pensamentos políticos-culturais concordantes, discordantes e em alargamento...

Na continuidade dos estudos, tomamos como objeto os processos de re-significação política e cultural, vivenciados na/pelas organizações clandestinas no espaço da universidade e do movimento estudantil, elegendo como tema a Organização Socialista Internacionalista e seu braço estudantil, a tendência Liberdade e Luta, constituída em meados da década de 1970 no interior da Universidade de São Paulo. A escolha desta organização e tendência nasceu da convicção de que tratava-se de um agrupamento particularmente sensível a algumas questões de seu tempo, parecendo-nos sugestivo o “estranhamento” que a “Liberdade e Luta” despertava não apenas nos órgãos repressivos mas também entre os parceiros de luta organizada.

No aprofundamento destes estudos pudemos verificar que os moldes assumidos por esta *vertente trotskista de movimento estudantil* emitia sinais de identidade com fundamentos e questões vivenciadas por um contingente muito mais amplo de grupos e coletivos culturais e políticos não organizados, situação que, se por um lado lhes permitia compartilhar de re-significações e incorporações teóricas e práticas, também lhes impingiram derrotas e esvaziamentos, valendo considerar que estas mesmas possibilidades de aproximação se originaram da recomposição e fortalecimento de

certas heranças marxista-leninistas, entre elas, a do conceito leninista de partido - particularmente, em sua versão bolchevique.

A tese “Liberdade e... luta: considerações sobre uma trajetória política (1968/1984)”, em processo de defesa no IFCH/Unicamp, procurou identificar, acompanhar e refletir sobre experiências e formulações que nasceram de uma sintonia muito rara entre o universo organizado de esquerda e os fenômenos sociais e coletivos mais amplos; processos estes que permaneceram guardados na memória histórica do próprio movimento estudantil dos anos 1970.

Em nossa trajetória de pesquisa, há muito estabelecida sobre o(s) fenômeno(s) de cultura e política nos anos 1970 no território da universidade, tornou-se cada vez mais claro que os processos de resistência à militarização do Estado (também acompanhados pelo fortalecimento de segmentos e projetos mais conservadores) deram forma a um conjunto amplo e diverso de reações, proposições e afirmações políticas e culturais, ou ainda, ao delineamento de princípios e fundamentos caros aos percursos de cidadania. E estes percursos, diretamente relacionados com o chamado processo de redemocratização da sociedade brasileira, tem merecido balanços mais específicos da produção historiográfica do período na busca de se mapear pressupostos teóricos e focos de abordagem, como o proposto por Lucilia Delgado<sup>3</sup> que, com base no recorte “1964”, organizou e segmentou todo um conjunto de obras conforme o caráter e ênfase de suas interpretações, dividindo-as entre: *interpretações de base estruturalista e funcional* (realizadas, predominantemente, por sociólogos, economistas e cientistas políticos da década de 1970)<sup>4</sup>; *interpretações enfáticas no caráter preventivo da intervenção civil e*

---

<sup>3</sup> Lucilia de Almeida Neves Delgado. “1964: temporalidades e Interpretações” IN Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti, Rodrigo Patto Sá Motta (org). O Golpe e a Ditadura Militar. 40 anos depois (1964-2004). Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração/EDUSC, 2004, p15-28. Nas palavras da autora: “..Analisar os fatores que engendram rupturas de ordens democráticas é tarefa complexa, supõe identificação e compreensão da multiplicidade de variáveis presentes nas conjunturas que precedem essas rupturas e supõe também identificação de elementos de longa duração que se atualizam nessas conjunturas. No Brasil de 1964, fatores inerentes aos tempos históricos de longa e curta duração se entrecruzaram, conformando uma crise complexa, que não cabe ser interpretada através de qualquer tipo de esquema teórico preestabelecido, pois cada dinâmica histórica é singular” (p.26)

<sup>4</sup> Entre os trabalhos citados, constariam: Otávio Ianni, Colapso do Populismo no Brasil (1971), Fernando Henrique Cardoso, “Associated-Dependent Development: Theoretical and Practical Implications” (1973); Maria da Conceição Tavares, Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro (1975); Francisco de Oliveira, Economia Brasileira: a crítica à razão dualista (1975)

*militar* (com mescla de concepções de tempo longo e curto)<sup>5</sup>; *interpretações com ênfase na versão conspiratória*<sup>6</sup> e *interpretações com ênfase na ação política conjuntural e ausência de compromisso com a democracia* (linha interpretativa que vem-se firmando desde a década de 1980 e que privilegia aspectos políticos do pré-1964)<sup>7</sup>.

Por outro lado, a complexidade que se acerca ao contexto e tema “1964” também se mostra presente nos contextos que se desdobraram dele, valendo considerar que a força e impacto gerado por estes acontecimentos alimentaram um leque de fenômenos sociais, políticos, culturais, econômicos que nem sempre se mostraram claros, apesar de responsáveis por rupturas, descontinuidades e mudanças com sérias implicações coletivas. Em outras palavras, toda uma outra constelação de sentidos ganhou lugar na vida cotidiana dos anos 1970, associada à lógica de produção, consumo e modernização trazidas pelo novo regime cujas bases de inserção no mundo do trabalho redundaram numa efetiva perda de direitos sociais, além de políticos...

O estudo das práticas de resistência na década de 1970 também mereceu, entre os anos 1980 e 1990, trabalhos importantes que, através de diferentes ângulos, procuraram tratar das especificidades das novas formas de participação. Com perspectivas diferentes de abordagem, parte destes estudos pretendeu inserir as experiências nos marcos de uma reflexão mais estrutural da sociedade, observando seus traços em direta relação com o Estado, com a estrutura econômica, com a crise do populismo, entre outros aspectos. Uma outra parcela de trabalhos, buscou recompor e analisar os movimentos populares com base no estudo de seus caminhos de constituição histórica, inaugurando com isso um campo de investigações original e importante à um entendimento mais profundo acerca da constituição e permanência de relações autoritárias na sociedade brasileira. Entre os autores, podemos citar os estudos de Vera da Silva Telles, Maria Célia Paoli, Eder Sader, Lucio Kowarick.

---

<sup>5</sup> Entre os trabalhos citados, constariam: Florestan Fernandes, Brasil em Compasso de Espera (1981) e O Significado da Ditadura Militar (1997); Caio Navarro de Toledo, O Governo João Goulart e Golpe de 1964 (1981) e a Democracia Populista Golpeada (1997); Lucilia de Almeida Neves Delgado, O PTB: do getulismo ao reformismo – 1945-1964 (1989) e Trabalhadores na Crise do Populismo: utopia e reformismo (1997)

<sup>6</sup> Entre os citados: Moniz Bandeira, O Governo João Goulart – As Lutas Sociais no Brasil – 1961-1964 (1978); René Dreifuss, 1964: a conquista do Estado (1981); Heloísa Starling, Os Senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964 (1986)

<sup>7</sup> Entre os trabalhos: Wanderley Guilherme dos Santos, Sessenta e quatro: anatomia da Crise (1986); Argelina Figueiredo, Democracia ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política – 1961-1964 (1993); Jorge Ferreira, O Governo João Goulart e o Golpe Civil Militar de 1964 (2003)

Na atualidade, novos estudos tem se debruçado sobre a montagem do Estado Militar à luz dos processos de resistência, multiplicando-se ainda as reflexões sobre os partidos, sobre as movimentações sociais (como a de anistia, direitos humanos, direitos civis..), sobre a contracultura e suas relações com os demais universos políticos. Na análise das organizações de esquerda, alguns estudos mais recentes tem procurado desenvolver uma discussão mais articulada sobre as transformações enfrentadas curso dos anos 1970, privilegiando o enfoque da fragmentação das utopias, das mutações e misturas de referenciais políticos e culturais, ou ainda, das relações estabelecidas entre os campos comportamentais e políticos, mas neste caso, as trajetórias e formulações marxistas acham-se dissolvidas em uma vasto processo de transformação de paradigmas políticos que não nos auxiliam de uma maneira mais direta a entender o fenômeno chamado por Sader de “marxismo disperso”, apesar de nos abrir um importante leque de questões e tendências.

Ainda, uma outra perspectiva de reflexão tem procurado estudar os referenciais e experiências que se acham em curso no interior dos grupos de matriz marxista, e para tanto, vem realizando incursões em outros períodos históricos, inclusive nos anos 1970; no entanto, a maior parte destes trabalhos concentram-se no estudo de organizações específicas para, através delas, identificar seus marcos de transformação. Encontramos nesta linha de análise, diversos estudos sobre as organizações, e em particular, sobre o PT, emergindo das reflexões, uma série de temáticas, entre elas, as relativas ao sindicato, à democracia, ao partido e à revolução, tomadas como questões de investigação. Estes estudos, apesar de não realizarem abordagens mais articuladas, nos oferecem elementos essenciais para uma compreensão das experiências vividas na década de 1970. Enfim, algumas coletâneas, produzidas no calor da hora, permanecem ainda hoje como grandes referências articuladoras, como a coletânea do Jornal Em Tempo, que buscou resgatar uma história das esquerdas, no mesmo contexto em que as organizações se achavam em transformação.

Entre os estudos do trotskismo, encontramos trajetórias analíticas nas próprias publicações da década de 1970, como a coletânea de textos produzida pelo Jornal o Trabalho, no final da década de 1970. Entre os estudos mais recentes, várias análises tem resgatado a trajetória de algumas organizações brasileiras, e através delas, encontramos diversos elementos de uma trajetória singular de ação política. No entanto,

estes estudos se referem às experiências e organizações do período 1930/1960, encontrando-se referências sobre os anos 1970 apenas em textos ensaísticos e depoimentos.

Nesta breve apresentação, temos como objetivo “localizar” a Universidade de São Paulo em meio aos processos de reconstituição política e cultural nos anos 1970, tomando-a como território de experiências informais, mas também organizadas de luta política (com enfoque sobre as ações trotskistas).